

**ARTIGO DE OPINIÃO**

DOI: 10.18310/2446-48132021v7n3.2538g795

**Educação para Vida Adulta: por um mundo interno mais perceptivo**

**Adult Education: for a More Perceptive Inner Word**

**Alexander de Quadros**

Mestre em Educação, Especialista em Docência do Ensino Superior. Bacharel em Enfermagem. Professor das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT.

E-mail: alexanderquadros2005@yahoo.com.br

ORCID: 0000-0002-3023-7514

**Claudia Flores Rodrigues**

Doutora e Mestre em Educação. Professora da Faculdade FACTUN e Faculdade São Francisco de Assis.

E-mail: Claudiaflores\_412@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-2378-7689

# Resumo

**Introdução**: A preceptoria é um importante elo pedagógico na integração ensino-serviço-gestão-comunidade. Dentre muitas tensões que esses profissionais sofrem na Atenção Primária à Saúde eles são instigados diariamente sobre quais métodos de ensino e avaliação podem e/ou devem ser utilizados para um adequado aprendizado dos estudantes. Assim, o objetivo deste estudo é conhecer o processo ensino-aprendizagem vivenciado pelos profissionais que atuam como preceptores de alunos de graduação no âmbito da Atenção Primária à Saúde, no município de São Paulo. **Metodologia**: Trata-se de um estudo analítico-interpretativo de abordagem qualitativa. Após aplicação de questionário sócio demográfico realizou-se entrevistas semiestruturadas com 14 preceptores interpretados pela análise de conteúdo temática. **Resultados**: Da análise, emergiram as categorias “estratégias e métodos de ensino” e “avaliação do processo ensino-aprendizagem”. O processo ensino-aprendizagem é guiado especialmente pela rotina da Atenção Primária à Saúde e pela prática, sendo a metodologia de ensino mais frequente porém não problematizada. Os métodos ativos de ensino são aplicados por aqueles que possuem algum tipo de formação pedagógica. Os processos avaliativos apresentaram-se incipientes e causam insegurança nos preceptores. **Conclusão**: Formar profissionais que exercem a preceptoria é essencial para compor um perfil pedagógico adequado, fomentando no profissional seu papel de educador e instrumentalizando-os de ferramentas metodológicas e avaliativas.

**Palavras-chave:** Preceptoria. Atenção Primária à Saúde. Sistema Único de Saúde. Educação em Saúde. Aprendizagem Baseada em Problemas.

# Abstract

In this note, we intend to propose the search for an inner world more aware, more lightweight, able to nullify the physical limitations of body weight that is gained with the process - natural - aging. Therefore, we believe we can develop an open space with a kind of emancipatory rationality, adding an attempt to reflection from fundamental ideas. They are: conception of adulthood and the importance of people finding themselves through literature. As of this writing, we invite the reader to make an exercise of "unrest" to think about their roaming amid the busy way of educating themselves throughout their lives.

**Keywords:** Education; life of adults; life in society.

# Introdução

Este texto tenciona pensar sobre uma teoria que potencialize e priorize a formação da pessoa a partir da importância do educar para a vida de forma que as virtudes sejam valorizadas, bem como a saúde física e mental; cuidado que pode e deve ser cultivado desde a tenra idade para que, na fase adulta, o ser humano saiba lidar com a maturação e a velhice de modo prazeroso e reflexivo. Vale lembrar que o tratamento que cada sociedade ou época histórica oferece às suas crianças torna-se decisivo para o desenvolvimento da biografia de cada pessoa, persistindo influências na formação do caráter ao longo da vida, atingindo sua fase madura ou aquilo que consideramos velhice. Assim, abre-se um diálogo entre o que temos vivido e o que pode ser modificado a partir da realidade em crise. Desse modo, é imperioso também ressaltar que um dos reflexos da concepção cartesiana que temos da educação é que as distinções têm sido mais acentuadas do que as conexões. Não é raro ouvirmos falar em concepção holística da educação, na tentativa de reatar os nós desatados pela modernidade cartesiana, e é instigante pensar em como atingir, na contemporaneidade, uma alquimia do entendimento e da compreensão de si e do outro, principalmente na fase adulta. Somos pessoa. Somos humanos. Nenhum outro animal tem a consciência de vida e morte. Envelhecemos mais rapidamente quando vivemos apenas da nostalgia do que passou, ou centrados na ansiedade do que virá. Por outro lado, quem aposta na excelência de ser e estar no mundo de forma plena, aceita rever o tempo todo seus propósitos de vida e de convivência, fato que agrega qualidade a uma andadura a passos firmes, representada pela intensidade e constância do trabalho afetivo e intelectual que pode e deve ser articulado ao longo da vida.

# Fundamentação

Primeiramente, é preciso anunciar que este apontamento é uma tentativa de reflexão a partir de ideias fundamentais. Sejam elas: concepção de vida adulta, para Mosquera, adultez na contemporaneidade, para Stobäus, a importância do descobrir-se pessoa através da literatura, para Ítalo Calvino e o sentido e significado da motivação, para Santos e Antunes. A partir deste texto, convidamos o leitor a fazer um exercício de “desassossego” para pensar na sua itinerância em meio ao movimentado caminho do educar-se para a vida, sob um espírito divagador na observância dos problemas sociais e na formação da pessoa. 1

**O início de um ensaio reflexivo**

Em meio ao liame das escolhas formais para a escrita de um ensaio, de uma composição literária, aventuramos optar seguir por um jogo de imaginação: falar sobre a vida adulta retomando as propostas de Calvino.2 Em nosso entender, são propostas inspiradas naquelas que Ítalo Calvino formulara em *Seis propostas para o próximo milênio*. Trazemos à baila exatamente a sexta das "lições americanas" que o escritor italiano leria na Universidade de Harvard, mas que não tivera tempo de escrever. Buscamos um sentido para escrever a sexta lição entrelaçada à vontade quase palpável de falar sobre a vida adulta, tema que nos instiga. Não optamos por falar sobre a consistência, cogitada por Calvino, mas desejamos falar sobre a motivação. Melhor dizendo: sobre os processos motivacionais que, uma vez incentivados desde a infância, florescem na vida adulta e que poderão estabelecer-se nesta fase da existencialidade que pode ser observada e ser atrelada à perspectiva de Calvino no que diz respeito à Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade.

Pretendemos, assim, esboçar e propor um procedimento ético-pedagógico cuja raiz reside na ideia grego-socrática do “ocupar-se consigo mesmo”, com o intuito de oferecer subsídios à reflexão sobre a busca de uma vida saudável no sentido corpóreo e psíquico. Devemos agregar, ainda, que se mencionamos uma busca entendida como algo que deve começar na infância e prolongar-se ao longo de toda a existência, a ser assumida como um estilo de vida tanto pelos profissionais que se ocupam com pessoas em fase de envelhecimento quanto, sobretudo, pelas próprias pessoas que o estão vivenciando (ou preparando-se para vivenciar com qualidade). Esta é uma teoria que poderia ser observada como prática de um novo olhar ao que é velho, mas nem por isso defasado ou desprovido de vivacidade e audácia de viver em um mundo onde precisamos conviver com o império do novo tentando sobrepor-se ao mais antigo.

Estamos constantemente em busca de uma vida boa e feliz, finalidade última da ação humana, que pode ser compreendida como bem viver quando pautada pela excelência moral, cuja raiz reside na *phrônesis*, a qual não significa outra coisa, dito de modo simples, senão a capacidade de julgar moderadamente. Com essa capa­cidade desenvolvida, a pessoa pode evitar tanto a falta como o excesso e, com isso, estar mais preparada para enfrentar as adversidades e dificuldades que a vida apresenta. Para o que nos interessa agora, cabe ressaltar que, segundo Aristóteles, somente na fase adulta, e principalmente na velhice, atingimos as condições intelectuais e morais exigidas ao exercício maduro da racionalidade deliberativa e prudencial.

Retomamos que em nossos dias, muito mais importante do que para o mundo grego, recobra perguntar o que significa uma vida humana boa e feliz e quais são os principais meios para alcançá-la? Quais são os “cuidados” a serem intergrados ao longo das diferentes etapas da vida humana para se alcançar uma velhice digna de ser vivida? Por fim, a pergunta que julgamos importante: o que significa uma vida digna na velhice e como podemos transformar tais questões em lições de vida sobre o que se aprende na escola e, por conseguinte, em casa, no trabalho e na vida em sociedade?

**Das nossas cognições afetivas**

Atribuímos comumente às emoções um papel secundário no julgamento sobre a ação. Inclusive, acreditamos que as emoções ‘atrapalham’ o julgamento correto e precipitamo-nos ao excluir elementos cognitivos das emoções. É improvável que o ser humano possa alcançar a autossuficiência de modo a ter total controle sobre a sua vida. A “*eudaimonia”* da pessoa, seu estado de florescimento pessoal, depende de certas condições externas como amizade, amor, trabalho, saúde, educação, compreensão e maturação, que podem ser alteradas ou desaparecerem sem que se possa fazer nada para evitar ou não.

Em aproximação com o pensamento de Calvino, já preconizavam, curiosamente na década passada: “a preocupação com o presente, o agora, parece predominar, não propriamente por parecer correto, mas porque a luta pela sobrevivência não permite sequer que paremos um pouco e reflitamos sobre o que realizamos, muito menos sobre nós mesmos.” Estes mesmos autores assinalaram que: “A Educação está, de certo modo, acompanhando algumas ideias, formando pessoas para suprir falhas em algum lugar do sistema, reter outras quando há excesso de disponibilidade, recebendo informações que em outras áreas levam anos de dianteira, transmitindo dados que já não têm o mesmo valor inicial. Por isto, entre outras colocações, ela tem recebido tantas críticas, várias delas bem construtivas. A Educação deve se voltar para o homem. Deve prepará-lo para o aqui e o agora, mas também para o depois”. Este depois tem o sentido de futuro em um mundo e de um futuro pessoal, com uma visão mais clara de homem.1

Ao escrever este texto, retomamos que, para Calvino, entre os valores ou as qualidades que a literatura deveria atender, está: "tornar possível uma melhor percepção da realidade, uma melhor experiência com a linguagem". Agregamos ao pensamento calviniano que não apenas a literatura se alimenta da persistência, mas outras áreas se alimentam desta para suscitar um tipo de entrelaçamento do humano com o social e com a psicologia. Este pensador elegeu a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade, como valores considerados por ele como fontes férteis para a literatura e vivência qualitativa do milênio. Por obra do destino, Calvino acabou por deixar como seu testamento literário a sua escrita inacabada e nem por isso incompleta. 1

Assim, atrevemo-nos a caminhar pelas sendas da literatura para falar de um tempo circular sacralizado pela escrita com um “*médium”* de problematizar a existência, centrada aqui na vida adulta. Por conseguinte, observamos que os problemas sociais cedem lugar a uma escrita propensa a divagações, a saltar de um assunto para o outro sem perder o fio do relato. Confessamos que nossa escrita está *motivada* pela esperança de ser lida, criticada, apreciada ou extraída como possibilidade de falar sobre a vida adulta e a formação da pessoa.

Pensamos em como problematizar o nada incomum peso da vida adulta vivida na contemporaneidade e vista por um viés cartesiano e ocidentalizado. Frente a isso, propomos um olhar lúdico e lúcido a respeito da vida adulta, permeado pelo encantamento das coisas vividas, pela marca de um raciocínio ponderado, já não mais centrado na “ligeireza”, mas no ato de comunicar as suas escolhas, como se pudéssemos, na maturação de nossos pensamentos, dispor de uma proposital indiferença à idade cronológica, cuja extensão não se dissolve, mas se nutre de uma ordem motivacional ilimitada. A literatura desenvolveu várias técnicas para retardar o curso do tempo. E uma delas, para o autor, é a digressão, meio pelo qual pretendemos criar uma certa estratégia para protelar a conclusão da leitura e exercitar a multiplicação de um tempo interno nesta escrita (ou opiniões) sobre um tema que não se esgota: a vida adulta e a formação da pessoa. 1

**Breve digressão para conhecer as propostas de Calvino**

Em 1984, Ítalo Calvino foi convidado a apresentar um ciclo de conferência na Universidade de Harvard, mas infelizmente faleceu quando terminava de prepará-las, de modo que as "Seis propostas para o próximo milênio" contêm apenas cinco, faltando a conferência que se intitularia "Consistência". O autor, então, escreveu apenas sobre: Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade, que são, para Calvino, valores literários que devem ser preservados pela literatura, que para ele era algo perene. Tinha confiança na sua literatura que consistia em um saber em que somente ela com seus meios específicos poderia oferecer. Cada uma das cinco conferências podem ser reconhecidas aqui como um aprofundamento nos temas a que se propõem, revelando não só as preferências de Calvino por assuntos, abordagens e autores, mas uma amostra do seu projeto literário em movimento cuja paralisação se deu pela circular determinação do tempo.1

Declaramos que pensamos ser possível fazer uma ponte entre Calvino e a questão da vida adulta com a educação, como ação importante para ajudar a descobrir quem somos nós. Trazemos algumas proposições de Calvino para, justamente, pensar sobre a vida adulta, sobre a educação, sobre nossas práticas e sentido de estarmos agindo levando em conta questões a partir da Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade para educar, para agir e para promover o reconhecimento de quem somos. 1

A leveza emerge no texto do autor através de metáforas que transmitem essa sugestão verbalizada. A partir daí, ele faz referências a autores diversos, como Ovídio, buscando exemplos que levem o leitor imaginar quão necessária é a experiência de reunir tais instrumentos numa combinação audaz de alcançar a leveza, descrevendo-a como algo mais leve que uma nuvem, uma espécie de campo de impulsos magnéticos. Ressalta, ainda, que para vivenciar a leveza é necessário conhecer a experiência do peso, saber o seu valor.1

O autor remete a três concepções diferentes para definir a leveza: a primeira seria um despojamento da linguagem, atribuindo aos significados uma consistência pouco densa. A segunda relaciona-se com a narração de um raciocínio abarcado por itens que assegurem a abstração e finalmente a formação de figuras visuais leves. A Rapidez, tema da segunda conferência, questiona a duração, a conveniência em poupar o leitor de detalhes determinados em favor do ritmo, da lógica na narrativa. O autor vê a rapidez como o nó de uma rede de correlações invisíveis1, a ferramenta essencial para a continuidade da narrativa, fazendo com que o leitor transite num campo de forças que envolve um liame verbal (que pode ser uma palavra que dê ideia de continuidade) e um liame narrativo (elemento que sustenta a narrativa numa relação lógica de causa e efeito). Aqui, a preocupação seria a estrutura e o estilo a fim de alcançar força sugestiva, além da busca constante pela melhor maneira de trabalhar a relatividade do tempo, ora dilatado, ora contraído, ora linear, ora descontínuo. Faz-se interessante analisar a relação entre velocidade física e velocidade mental em que o leitor imagina a história. A terceira conferência aborda a Exatidão, a qual, conforme o autor, possui três pontos de atenção: (1) a boa definição de um projeto de obra, (2) a formação de ideias visuais nítidas e (3) uma linguagem precisa, capaz de traduzir detalhes do imaginário. A Exatidão seria a qualidade de empregar a linguagem a fim de aproximar-se das coisas de modo a transparecer o conteúdo que estas transmitem sem o recurso das palavras.

A Visibilidade está relacionada a processos imaginativos, à qualidade de expressar imagens, considerando que, para Calvino, a imagem antecede o texto no processo criativo devido ao seu caráter polissêmico. Assim, é de incumbência do escritor ordenar tais significados, deixando translúcida a sua intenção e as possibilidades diversas de leituras que o texto carrega consigo. Aqui a intenção é lançar um olhar para a relação entre a análise direta do mundo, o universo ilusório e o mundo simbólico transmitido pela cultura e o curso abstração - condensação - interiorização de uma experiência sensível.1

A Multiplicidade, discutida na última conferência, é exposta como uma sugestão de observar o romance enquanto suporte enciclopédico, um hiper-romance, no qual o conhecimento pode ser abordado como numa rede que enlaça fatos, saberes e sistemas reciprocamente condicionantes, fazendo do texto multíplice do espaço de diálogo entre vozes dissidentes, sujeitos particulares e visões de mundo divergentes num processo constante de reconfiguração, no qual o conhecimento deve ser pensado de maneira permeável e expansiva.

É preciso dizer que sem desconsiderar a leveza, afirma que a pessoa é natureza racional e substância individual. Em outras palavras, a natureza humana é a forma vital da pessoa. Assim sendo, o autor ressalta que a consciência de si mesmo, o conhecimento de si mesmo e o *ser* si mesmo têm um sentido determinatório e esclarecedor de universalização. 3

Para este pesquisador, a abrangência da pessoa está na interação reflexiva do corpóreo com o espiritual, dos objetos com as ideias e valores, formando a base do que se denomina constituição pessoal. A vida adulta compreende uma atitude persistente, como bem afirma Mosquera “Atitude persistente, isto quer dizer que se mantém vigorosamente, o que de fato não pressupõe sua imutabilidade.”2,3

O autor provoca um pensamento que seja produtor e produto de uma consistência de manifestações comportamentais, porque a atitude em si mesma tem uma qualidade direcional, denota preferências que implicam avaliações, escolhas, e predisposições que se declaram na forma com que a pessoa se mobiliza frente às adversidades e realidades. São as alternâncias entre o vivido e o compreendido como aspectos da maturação que fundamentam a vida na sua adultez.3

Com isso, ser adulto pressupõe o entendimento sobre o processo de desenvolvimento aliado e alimentado por suas aprendizagens e singularidades. Significa “conceber que estar aprendendo é estar vivo, é ter vida, é não envelhecer em sua interioridade. É distinguir-se no social com responsabilidades, com direitos e deveres, com necessidades de partilhar desejos e novas conquistas.” Porém, na contemporaneidade, não trazemos à tona uma teorização sobre este tema que agregue, nas escolas, um pensar sobre o processo de envelhecimento sob o ponto de vista biopsicossocial. É uma verdade que precisa ganhar espaços de discursividade desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental, pelo Ensino Médio, até chegar à Academia. 4

Não concebemos nos reconhecermos pessoa sem nos opormos à uma ideia de vida que negligencie o poder de cada fase. Neste ponto da vida em que estamos, concentramo-nos em privilegiar um enfoque de abertura e maturação de uma fase que vemos ser relegada, combatida e limitada: a vida adulta no seu processo de envelhecimento. Envelhecer é tão natural quanto morrer. E não falamos sobre isso. Deixamos que a mídia engula o valor existencial do ser pessoa através de comerciais que suscitam permutas: se você optar por tal produto, será mais feliz, e assim por diante. Perguntamos: vale a pena viver de prazeres amalgamados apenas nos bens materiais ou vale a pena viver de reconhecer a precariedade da vida enquanto instante e tentar aproveitar o máximo possível de cada fase reconhecendo a si e ao outro como pessoa e como valor no terreno existencial?

Habituadas como estamos a ver as falhas nas teorias inócuas vivificadas nas práticas que se dizem em busca de um conhecimento que promova sentido e significado de ser pessoa, atrevemo-nos a dizer que sem uma educação voltada para a retomada de uma longa tradição de pensadores para quem os segredos do mundo estavam contidos na combinatória de sinais escritos, da vivência e do discurso, será praticamente impossível agregar forças capazes de modificar a realidade.

Queremos propor pensar em possibilidades de um mundo interno mais perceptivo, mais leve, capaz de anular o peso corpóreo das limitações físicas que se ganha com o processo - natural - de envelhecimento e ganhar um espaço aberto por uma espécie de racionalidade emancipatória de ser pessoa a fim de encontrar a profundidade implícita nos espaços abertos, para que possamos transportar conosco (na bagagem de vida), nada além daquilo que somos capazes de carregar. Para nós, este é um exercício de virtuosidade. Os autores afirmam que, na fase da adultez, os motivos internos de tornar-se útil aos demais, talvez pela disponibilidade de tempo, ou por motivações externas de sentir-se bem, assim como a busca por uma qualidade de vida não descoberta, podem ser alguns dos aspectos que possibilitem novas vivências.4 E tais vivências precedem estar aberto a essa motivação, em nosso entender. Para as autoras, a motivação consiste naquilo que para elas é um conjunto de variáveis que ativam a conduta do ser humano e o orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo. 4

É um processo que cada ser humano apreende de formas distintas em virtude de suas relações interpessoais e intrapessoais. Assim, desde a infância, as interações com outros seres humanos irão contribuir, não puramente como prerrogativa predominante, mas à compreensão dos motivos intrínsecos do ser pessoa em sua diversidade a partir de uma infinidade de motivos extrínsecos que podem revelar-se em renovados processos motivacionais internalizados.

Por motivação humana se compreende um processo de ativação e orientação da ação no sentido de que o ser humano deve atuar e participar conscientemente de cada ação em sua vivência. Conclui-se, então, que a motivação para viver e compreender esse processo é um conjunto de padrões de ação que ativam o indivíduo a executar determinadas metas levando em conta o peso da carga emocional, parte fundamental para o aprimoramento das habilidades no agir frente às diversidades.5

Corroboramos com a ideia de que denunciam haver na contemporaneidade significativas evoluções na área da medicina e de tecnologias avançadas que proporcionam, ao sujeito adulto, motivos externos para uma digna e mais duradoura vivência, portanto, nessa perspectiva, são os motivos externos que se configuram em motivos internos. Sendo assim, para as autoras é importante que as relações sociais sejam diversas em qualidade e oportunidades.4

Trazemos a questão do peso de viver atualmente e a motivação para viver com qualidade ou com um bem viver. Enquanto educadores, temos lutado através de um discurso quase ininterrupto sobre o processo de envelhecer com melhor qualidade e dignidade. Melhor dizendo: com a motivação como pano de fundo em um cenário que muitas vezes parece confuso, lutamos firmemente numa tentativa de justaposição “cambaleante” mas necessária. Se por um lado temos as descobertas científicas que permitem maiores possibilidades de longevidade, por outro carecemos de maiores possibilidades de exprimir e experimentar a tensão entre racionalidade e um emaranhado de sensações próprias da existência humana.

É na construção da existência no mundo que aquilo que fazemos profissionalmente e o seu consequente desempenho repercutem em nossa dimensão pessoal. Por outro lado, o nosso desempenho pessoal repercute em nossa profissão e portanto a necessidade de construir formas de sentir-se bem. 6

O mesmo autor agrega ainda que o profissional precisa sentir-se integrado de forma prazerosa “como profissional do ensino, o professor precisa sentir-se bem, com maior prazer naquilo que faz. Mas, acima de tudo, [compreendendo que] ele é, antes, um ser humano, e como ser humano é mais do que aquilo que seu fazer social lhe denomina ser”, e de que, “mais do que um profissional é um ser humano que tem uma profissão, mas que não se resume a essa profissão”, pois precisa, por isso, ser compreendido em toda sua complexidade e singularidade.7

A existência prescinde de uma condição positiva diante da necessidade de reconhecimento que nos faz peregrinos à procura de um sentido que subverta a falsa naturalidade de coexistir diante das mazelas humanas cotidianas, principalmente no meio educacional e isso provoca uma serie de perguntas e uma infinidade de respostas sobre quem realmente somos ou o que podemos vir a ser. A ruptura das amarras pessoais e sociais faz nascer e dá lugar à uma leveza nos enfrentamentos diários, encadeados à questões de toda ordem. Abrir um campo de possibilidades de condicionamentos positivos requer um olhar em si ou para si- exercício que provavelmente encontre resistência- que pode denotar também um pedido velado de socorro.

Corroboramos com quando o autor afirma que não sabemos mais o que realmente significa o ‘eu sou eu’. É preciso estar em constante movimento, aptos para trocar rapidamente falas, roupas e gestos que usamos para nos representar conforme os cenários, diretores e roteiros que vão sendo mudados, mesmo que nos sintamos a deriva numa modernidade cada vez mais líquida.7

A pessoa, por conta da adultez, carrega uma espécie de dossiê sagrado sobre si e na tentativa hercúlea de não desfragmentalizar as suas lembranças, os seus feitos, as suas memórias, provavelmente recorra a uma interpretação simplista sobre a sua forma de ser e estar no mundo. Para nós, cada pessoa é importante justamente porque tem uma história diferente dos demais e porque de acordo com as suas vivências, caminha sobre uma linha tênue que o separa das suas potencialidades em detrimento das suas necessidades.

Por certo, muitas pessoas deixam de existir no sentido amplo da palavra para coexistir vestindo máscaras sociais por conta das circunstâncias. O perigo em deixar-se levar por estereótipos é perder-se no mundo interno como em uma cilada criada pela incapacidade de persistir nas suas convicções apesar dos percalços. Em momento algum afirmamos que viver é fácil, mas apontamos verdades que podem reverter em benefícios da existencialidade: conhecer a si e ao outro de forma plena e lúcida, conhecendo os meandros da capacidade humana de relacionar-se. Por isso Calvino contribui enormemente nesta escrita: para apontar a literatura como um mote para se pensar no quão feliz pode ser alguém pelo simples fato de saber quem é.

Frente ao exposto, não optamos por sermos românticas, mas práticas ao denunciar que estamos travando, no campo educacional, uma batalha nodosa à procura de uma expressão sutil e lúcida nas nossas práticas e que necessita estar acompanhada por uma série de aproximações embasadas em teorias explicitadas a partir de uma filosofia de vida que respeite e comunique os perigos de se andar por sobre uma passarela improvisada diante de um abismo: o abismo de não saber quem é a pessoa que somos.

Enquanto educadores que somos, reiteramos que a tarefa de educar na contemporaneidade é também assumir o risco de pensar na multiplicidade de razões para um envelhecimento inspirado na qualidade de vida a partir do bem viver de cada pessoa. Assim sendo, perguntamos: Até quando vamos deixar de falar sobre isso?

**Considerações Finais**

Acreditamos ser possível mobilizar a pessoa do profissional em educação no sentido de construir um mundo interno leve e coerente para avançar a vida adulta com maior profundidade e sentido. A vida do ser humano abre-se com o nascimento e fecha-se com a morte, e cada idade é uma tentativa de poder afirmar-se em um mundo em constante mudança e desequilíbrio. Para este autor, o sentido profundo do ser humano decorre da maturação, um processo que se dá ao longo do viver.2

Os critérios para uma boa saúde biopsicossocial durante esse processo requer levar em conta a influência das atitudes, o efeito dos mitos fisiológicos e dos estereótipos sociais, além do reconhecimento das diferenças individuais e a possibilidade de compreender o significado de qualidade de vida como viés de reconhecimento de si como pessoa. A escrita, enquanto instrumento cognitivo, pode levar até o leitor um auspício de Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade. Porém, neste ensaio, interessa-nos suscitar um processo de curiosidade sobre assuntos da vida adulta.2,3

Desejamos que tal busca se erga feito chama, como minúscula brasa que põe a chama a erguer-se em espirais por entre os interstícios da lenha até chegar ao ponto de crepitar e tomar corpo. Com isso, queima e aquece como um fogo que, crescido (e amadurecido) no núcleo, torna-se infinito.

Finalizamos dizendo que a presente escrita nasceu da expectativa de ser um meio de atingir a substância cognitiva e afetiva do humano, da pessoa enquanto ser claudicante na tentativa de aproximação e identificação com a realidade e com as formas de submeter-se ou combatê-la.

# Referências

1.Mosquera e Stobãus. Humanismo e Criatividade em Educação para a Saúde. Artigo publicado em Educação PUCRS, ano XIV, n. 21, p. 17-40, 1991.

2.Calvino, Í. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

3.Mosquera. JJR. Vida Adulta: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre, RS: Sulina, 1987.

4.Santos, BS. Antunes, D . Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. Artigo publicado na Revista Educação PUCRS, ano XXX, n.01, p.149-164.2007.

5.Huertas, JA. (2001). Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. Educar em Revista. Curitiba– PR2006. Disponível em: Acesso em 13 de ago. de 2019.

6.Timm, EZ, Mosquera, JJR and Stobãus, CD. O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade. Rev. Mal-Estar Subj., Set 2010, vol.10, no.3, p.865-885. ISSN 1518-6148

7.Timm, EZ. (2006). O bem-estar na docência: Dimensionando o cuidado de si. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.